

RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NO ENSINO FORMAL EM DETRIMENTO DE UM ENFOQUE CONSERVACIONISTA

Silmara Moreira Barbosa 1

Hertan Bruno Nascimento de Araújo 2

Bianca de Freitas Terra 3

INTRODUÇÃO

A abordagem conservacionista dada à Educação Ambiental no ensino formal desestimula o aprendizado, pois ela pode causar uma deficiência no processo de formação do pensamento crítico, bem como no processo de formação de sujeitos ativos na sociedade.

Nesse contexto, a educação também padece de uma grave crise de identidade e de objetivos, sendo alicerçada por um ensino conteudista que busca mais a aprovação em vestibulares, a formação tecnológica, e o sucesso em áreas economicamente valorizadas para aqueles que ascendem aos níveis mais altos de escolarização. Para a maioria da população, o ensino é alienante e em pouco colabora para conduzir a reflexão do indivíduo sobre a sua condição socioambiental. Assim, cabe ressaltar a intensa capacidade de fragmentação do conhecimento deste modelo de ensino, na qual a inserção da Educação Ambiental (EA), quando muito, tem ficado somente nos Parâmetros Curriculares Nacionais. [1]

Este trabalho tem a finalidade de analisar diferentes abordagens da Educação Ambiental (EA) na escola. Para tanto, fazemos uso de informações já disponibilizada na literatura, além de apontar uma alternativa dinâmica de como abordar interdisciplinarmente uma Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente como alternativa viável ao desenvolvimento da EA crítica.

Podemos perceber que a EA conservacionista ainda é predominante na visão de alunos tanto da rede pública, quanto privada. Além disso, faz-se necessária a formação continuada de professores como ferramenta importante para a promoção da EA crítica na escola.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

1

Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, silmara.mb@hotmail.com.br;

2

Graduando do Curso de Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, hertan_bruno_@hotmail.com;

3

Bianca de Freitas Terra: Professora Doutora adjunta do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, biancafterra@gmail.com

A técnica empregada nesta pesquisa envolveu uma síntese bibliográfica simples acerca dos modos de aplicação da EA na escola, foram analisados artigos, bem como documentos do Ministério da Educação acerca do tema. No decorrer do texto, progressivamente serão oferecidas sugestões de como aplicar a EA de forma crítica sob o enfoque das Conferências Ambientais Internacionais.

DESENVOLVIMENTO

“A Educação Ambiental, cujos pressupostos teóricos norteadores foram assumidos e ratificados ao longo da década de 1970, vem se consolidando como uma prática educativa que perpassa todas as áreas do conhecimento.”[2]. A legislação brasileira define o tratamento da EA na escola de forma interdisciplinar, porém é comum uma abordagem simplista, diretamente ligada à falta de interesse e conhecimento pelo assunto vivida por muitos educadores e alunos.

O tema ambiental perpassa os âmbitos sociais, indo desde uma abordagem individual ao coletivo. Ao trabalharmos meio ambiente como um tema transversal, “uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.”[5], assim como sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e a legislação que regulamenta a EA no Brasil, estamos instigando os estudantes a refletir sobre suas ações e mesmo a entender de igual forma o impacto do exercício político nesta temática.

A questão ambiental representa quase uma síntese dos impasses que o atual modelo de civilização acarreta, pois consideram o que se assiste no final do século XX, não só como crise ambiental, mas civilizatória, e que a superação dos problemas exigirá mudanças profundas na concepção de mundo, de natureza, de poder, de bem-estar, tendo por base novos valores. Faz parte dessa nova visão de mundo a percepção de que o ser humano não é o centro da natureza, e deveria se comportar não como seu dono mas, percebendo-se como parte dela.[3]

Logo, uma visão mais abrangente deve ser implementada no ensino e prática da EA, pois trabalhá-la apenas como um recorte do ensino de Ciências significa limitá-la, desconfigurando significativamente seu papel social.

A Educação Ambiental, como processo contínuo que busca a conquista da cidadania e o desenvolvimento justo, solidário e sustentável, é meio e não fim. Assim, os conteúdos tradicionais só farão sentido para a sociedade e para quem os ensina e estuda, se estiverem integrados em um projeto educacional abrangente de transformação, a começar pelo ambiente escolar, envolvendo a comunidade e os funcionários, repensando o espaço físico e a administração escolar, as práticas docentes e a participação discente, isto é, discutindo toda a dinâmica de relações que se estabelecem no ambiente que nos cerca.[1]

Com isso, o ensino de EA sob o contexto das Conferências Internacionais Ambientais torna-se uma boa estratégia, abrangendo a dimensão do ensino, meio ambiente e sociedade de maneira integrada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comumente, a literatura vai mostrar a prática da EA de maneira conservacionista, sem uma perspectiva integrada aos diversos âmbitos de vivência dos discentes e isto é evidenciado

na pesquisa de autores que estudam como ocorre a aplicação da EA na escola, quanto a opinião dos alunos de uma escola particular acerca do conceito de meio ambiente [1] relata-o como “fauna, flora, recursos hídricos, dentre outros aspectos do meio natural”; enquanto [4] obteve dos discentes de uma escola pública que “é o lugar onde a gente vive, são as matas, rios, animais, etc.” Dessa forma, podemos subentender que a concepção de Educação Ambiental seja no âmbito público ou privado ainda sofre forte influência da visão conservacionista.

Quanto à indagação de [4] sobre a importância do cuidado com o meio ambiente, obteve respostas com linhas de pensamentos diferentes, um estudante do sexto ano declara “Sim, porque para mim, cuidar do meio ambiente é a mesma coisa de estar cuidando de mim”; já outro defende que “é importante para que existam lugares limpos para passear com os amigos e os familiares”. Estes resultados demonstram que dentro da sala de aula ocorre heterogeneidade de ideias, demonstrando que a importância do meio ambiente para os estudantes pode ir desde um âmbito holístico à extremamente conservacionista.

Buscando justificativas à diversidade de respostas [4] observa que os “professores trabalham a temática ambiental de forma simplista, ficando restritos a explicações sobre problemas ambientais como lixo e poluição e a tentativas de que os alunos tenham comportamentos ecologicamente corretos.” Em contrapartida, sustenta que a educação continuada tem fornecido subsídio a alguns docentes, implicando em “atividades inovadoras, que envolvem a participação dos alunos e até mesmo de professores de diferentes disciplinas.”

A pesquisa de [1] quanto a concepção dos alunos sobre os principais impactos ambientais revela que eles tanto inferem os clássicos como “poluição, desmatamento, queimadas, poluição, etc.”, quanto “pobreza, mortalidade infantil, epidemias”. Este dado segundo os autores foi importante, porém demonstrou uma certa contradição com o conceito de meio ambiente anteriormente citado pelos alunos, e ele atribui isto provavelmente “à falta de oportunidade para refletir em grupo sobre as causas da degradação ambiental, seus determinantes sociais, que ajudasse na construção de uma concepção de Meio Ambiente”.

Diante de tais estudos podemos constatar a necessidade de promover uma EA crítica no ambiente escolar, visto que ela pode instigar a formação de cidadãos mais atuantes e responsáveis no meio em que vivem. Para tanto, as Conferências Internacionais Ambientais podem ser consideradas uma estratégia inovadora de prática socioambiental, por exemplo, a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Tbilisi - Geórgia Ex-URSS - 1977 foi um evento importante para a fundamentação da EA, não entendida como um privilégio de poucos, mas como uma responsabilidade de todos. Esta pode ser aplicada durante as aulas do ensino básico para mostrar a ideia de que não podemos ser seres individualistas e fazemos parte da natureza; para tanto, podemos tomar emprestada a noção de conjuntos da Matemática, em que quando temos vários objetos podemos agrupá-los segundo suas características dentro de categorias. Dessa forma, o ser humano representaria um conjunto menor dentro de um mais abrangente, que representaria os países, e estes por sua vez estariam dentro de um mais amplo, representado pelo nosso planeta. Com isso, constituímos nosso lar e somos responsáveis individualmente e coletivamente pelos impactos que causamos e sofremos, uns com mais intensidade e outros menos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos perceber o quanto a escola, entendida tanto como a comunidade docente, quanto os discentes, necessita ampliar sua visão acerca da EA, pois sua abordagem crítica promove uma leitura e atuação mais responsável e real no meio em que vivemos; para isso, podemos empregar o estudo interdisciplinar das Conferências Internacionais Ambientais.

Também é preocupante o fato dos alunos, muitas vezes, não se consideram como integrantes do meio ambiente, dificultando a mudança socioambiental necessária no cenário mundial em que vivemos. Para tanto, a importância da formação continuada de professores mostrou-se uma ferramenta que proporcionou uma abordagem integrada da EA na escola, aproximando-se da sua identidade crítica e auxiliando no cumprimento de sua abordagem transversal, como defende a legislação brasileira.

Portanto o estudo e a prática da EA crítica na escola ainda é escassa, sendo necessário mais estudos que demonstrem como implementá-la de forma interdisciplinar, bem como investir mais ainda na área, através da formação continuada de professores.

Palavras-chave: Educação Ambiental – Professores – Escola.

REFERÊNCIAS

- [1] GOMES, R.W. Por uma educação ambiental crítica/emancipatória: dialogando com alunos de uma escola privada no município de Rio Grande/RS. **Ciência e Natura**, v.36, n.3, p. 430-440, 2014.
- [2] BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira; PRIETO, Élisson Cesar. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DISCIPLINA VERSUS TEMA TRANSVERSAL. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 24, p.173-185 , 2013.
- [3] Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. 179p.
- [4] GAMA, Lucilene Umbelino; DA SILVA BORGES, Adairlei Aparecida. < b> Educação ambiental no ensino fundamental: A experiência de uma escola municipal em Uberlândia (MG)< b. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 5, p. 18-25, 2010.